



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – ICSA
Campus Avançado de Varginha



FERNANDO FLORIANO JUNIOR

MALUCO DE BR: A PERSPECTIVA DO TRABALHO ARTESANAL

Varginha/MG

2018

FERNANDO FLORIANO JUNIOR

MALUCO DE BR: A PERSPECTIVA DO TRABALHO ARTESANAL

Trabalho de Conclusão do Programa Integrado de Ensino Pesquisa e Extensão (PIEPEX) apresentado como parte dos requisitos para conclusão do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Economia pela Universidade Federal de Alfenas – *campus* avançado de Varginha – MG.

Orientadora: Professora Vanessa Tavares de Jesus Dias.

Varginha/MG

2018

SUMÁRIO

1 - Introdução	4
2 - Referencial Teórico	5
2.1 - Maluco de BR: identidade e expressão cultural	5
2.2 - Trampo de maluco: o trabalho artesanal	6
3 - Procedimentos metodológicos	7
4 - Análise das entrevistas	9
5 - Considerações Finais	12
6 - Referências Bibliográficas	13

Resumo: A presente pesquisa tem como objetivos destacar o trabalho e a perspectiva dos trabalhadores que vivem exclusivamente do artesanato, identificados como malucos de BR ou artesãos “hippies” e entender questões como a criminalização social e desvalorização econômica do trabalho que estes executam. Se trata de um estudo qualitativo, cuja a coleta dos dados utilizou a revisão bibliográfica e a realização de entrevistas abertas com os denominados “malucos de BR”. O método de análise dos dados coletados foi a análise de conteúdo. Os resultados apresentam a identidade e preservação cultural, a criminalização e a desvalorização econômica do trabalho artesanal. Por fim, conclui-se comparando a luz do referencial teórico o estado de marginalização e criminalização que tais trabalhadores vivem, sendo que muitas das vezes, utilizam seu artesanato como valor de troca para manter sua subsistência.

1 - Introdução

Dentre as múltiplas habilidades do ser humano, a capacidade de trabalho tem grande importância para a existência e manutenção da vida social. Ao tratar do processo de trabalho, Marx (2012) destaca antes de tudo a relação entre homem e natureza. Segundo o autor, a ação humana impulsiona, regula e controla o intercâmbio material com a natureza. Desta forma, os recursos naturais se modificam e o resultado de tal processo se torna importante para a vida do homem.

Utilizando desta perspectiva, o trabalho artesanal é caracterizado principalmente pela falta de padronização (cada peça é exclusiva) e pela liberdade de criação. Ao abordar o tema do trabalho artesanal, o artigo tem como objetivos destacar o trabalho e a perspectiva dos trabalhadores que vivem exclusivamente do artesanato, identificados como “malucos de BR” ou artesãos “hippies” e entender questões como a criminalização social e desvalorização econômica do trabalho que estes executam.

Os termos “maluco de BR” ou “maluco de estrada” são os mais utilizados e aceitos pelos artistas e artesãos (membros) do grupo. Essas expressões evidenciam um estilo de vida alternativo que tem como base o desapego material (por isso são “malucos”) e o nomadismo (estão frequentemente nas estradas). Cabe ressaltar que esses termos englobam diversos artistas como: músicos, poetas, desenhistas, dançarinos e também os artesãos, sujeitos protagonistas desta pesquisa.

Para melhor compreensão e delimitação do objeto de estudo, além das pesquisas bibliográficas, o artigo utiliza dados qualitativos coletados através de entrevistas abertas. O trabalho está estruturado em cinco seções, sendo a primeira esta introdução. A segunda seção apresenta aspectos teóricos que discutem o sujeito em questão, apresentando conceitos sobre a

identidade cultural dos malucos de BR, popularmente conhecidos como artesãos hippies e os aspectos conceituais do trabalho que estes executam. Na terceira seção serão apresentados os aspectos metodológicos e os dados referentes à coleta das informações a serem analisadas. A quarta seção traz os resultados das entrevistas realizadas e do relato de experiência de campo. Na quinta seção é apresentada a conclusão com respeito ao tema central, e por fim, as referências bibliográficas.

2. Referencial Teórico

2.1 Maluco de Br: identidade e expressão cultural

O grupo de sujeitos que esta pesquisa se propõe a estudar são popularmente conhecidos como malucos de estrada ou malucos de BR. Ao tratar sobre estes trabalhadores, o site da Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura, diz o seguinte:

Conhecidos no senso comum como hippies (denominação rejeitada pelo movimento), os malucos de estrada são protagonistas de uma expressão cultural com códigos morais específicos, estética própria e estilo de vida marcado pelo nomadismo, postura marginal (à margem do sistema) e expressões culturais características, que podem ser vistas, por exemplo, nas peças de artesanato expostas e comercializadas por eles em espaços públicos das cidades brasileiras. (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2015).

Esse artesão como trabalhador desenvolve uma atividade autônoma e nômade, geralmente depende completamente da venda de suas peças/produção para sua subsistência. Ele participa integralmente de cada etapa da confecção do artesanato, executando movimentos repetitivos por várias horas e em diversos ambientes. Normalmente, este sujeito exibe e vende seus produtos em grandes centros urbanos, feiras e lugares de comércio, sendo muitas vezes confundidos (julgados) com mendigos e criminosos. Sob esta ótica, o objeto da pesquisa é tido como um outsider, que, segundo Becker (2008), são pessoas consideradas desviantes por outras pessoas, pois elas situam-se fora do círculo dos membros “normais” da sociedade.

O maluco de BR é resultado da expressão cultural construída decorrente da hibridização entre os contextos políticos, sociais e econômicos do Brasil e a relação de movimentos de contracultura como o movimento hippie dos anos 60. Porém, como é uma

cultura que está em constante processo de transformação e ressignificação, essa expressão cultural continua se difundindo e se misturando, assim sendo, se configura como um patrimônio cultural imaterial (BELEZA DA MARGEM,2012).

Se faz importante essa diferenciação pelo fato de que esse sujeito trabalha transformando matérias simples como pedras, sementes, penas, linhas, restos de arames encontrados, além de outros objetos sem valor em peças artesanais que defendem e preservam essa expressão cultural imaterial. Sendo que muitas vezes esse trabalhador é comparado e confundido com vendedores ambulantes e camelôs que compram e revendem produtos industrializados. Neste sentido, Longhi (2014) destaca alguns pontos que diferenciam o maluco de BR do vendedor ambulante. O autor salienta que o maluco de BR confecciona seu produto de forma artesanal; não tem o intuito de lucro, mas sim de manter sua subsistência; não segue um padrão na confecção de seus artesanatos; é capaz de transmitir subjetividade nas suas peças, podendo consertar e reinventar o trabalho feito por si mesmo e por outros artesãos, traço esse que o vendedor ambulante não possui.

2.2 Trampo de maluco: o trabalho artesanal

Marx (2012) salienta que o resultado do trabalho humano se materializa na mercadoria e as riquezas provêm das mercadorias vindas do modo de produção capitalista, sendo que o autor apenas se atenta a como ela é produzida. Nesse contexto se observa que a mercadoria pode ou não satisfazer o ser humano, como por exemplo, o ar ou a água, que são essenciais à sobrevivência do homem em relação ao ouro, pedras preciosas, que não são essenciais, mas que satisfazem uma certa vontade de cada um (fantasia). Marx trata a mercadoria como sendo uma coisa e as mesmas devem ser vistas de dois ângulos, a qualidade e a quantidade que se produz de cada uma, determinando assim o valor das mercadorias por estes fatores. Temos como exemplo, os serviços prestados por um artesão, onde seu processo de produção demanda mais tempo comparado com o processo de uma fábrica e o valor gerado por aquele serviço se torna superior ao da fábrica pela menor quantidade produzida, sendo que ambos possuem o mesmo valor de uso.

Conforme o que foi tratado acima, observa-se que a mercadoria possui dois tipos de valores: valor-de-uso e valor. Valor-de-uso para Marx provém da própria mercadoria, cada

uma possuindo sua própria utilidade, satisfazendo as necessidades humanas em um contexto geral. Já o valor advém da quantidade de trabalho humano empregado nela, sendo o trabalho a descoberta para se empregar a forma de valor. Compreendido que a mercadoria possui o valor de uso e valor, temos então o valor de troca, que permite trocar uma mercadoria por outra sendo necessário observar que ambas devem conter valores de uso distintos, lembrando que o valor de troca não pode se defrontar com mercadorias se elas não possuírem o trabalho empregado (MARX, 2012).

Tratando-se do trabalho artesanal, Marquesan e Figueiredo (2014), citam Sennett (2009) ao falar sobre a ligação entre o trabalho artesanal e a utilização da capacidade humana para a promoção de mudanças socioculturais que perpassam questões de cunho ético e prático. Os autores mencionam que:

Em relação à ética, o trabalho artesanal engendra o comportamento do artesão em honrar os desígnios humanos ao fazer algo bem-feito sem outras justificativas além do orgulho, da auto realização a partir da execução do próprio trabalho. Como prática, o artesanato não é apenas a aquisição de um conhecimento em profundidade e o desenvolvimento de uma habilidade, mas o diálogo constante entre o fazer e o pensar, de forma indissociada (SENNETT, 2009 apud MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2014. pp 79-80).

Abordando especificamente o trabalho artesanal realizado pelos Malucos de BR que assim chamam de “tramos de maluco”, Longhi (2014) ressalta que o hibridismo entre diversas técnicas artesanais antigas como o macramê, o festonê, as malhas medievais, as filigranas portuguesas, o artesanato indígena dentre várias outras dá origem a diversas técnicas utilizadas pelos malucos de BR na confecção de seus artesanatos. Esta hibridização de técnicas tem grande relação com a vida nômade.

Desta maneira, o fruto deste trabalho artesanal, assim como mercadoria ganha um duplo aspecto, o comercial, que está diretamente ligado à subsistência dos malucos artesãos e o aspecto cultural, ligado aos valores simbólicos e políticos expressos através do trabalho.

3 - Procedimentos metodológicos

Em relação aos aspectos metodológicos, a presente pesquisa apresenta um estudo caracterizado como qualitativo que, segundo Godoy (1995, p. 58) tem as seguintes

características:

[...] a pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo a medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Cabe mencionar que este estudo também se trata de um relato de experiência, uma vez que no dia 17/11/2018 me direcionei à cidade de São Thomé das Letras e passei um tempo com alguns artesãos que lá estavam, acompanhando seu trabalho e coletando informações para esta pesquisa.

Para a coleta de dados, foi utilizada a revisão bibliográfica e também foram feitas entrevistas abertas direcionadas aos artesãos. Faz-se importante salientar que em relação às entrevistas, foram entrevistados 7 artesãos, sendo 2 homens e 5 mulheres com idades entre 20 e 25 anos. Das entrevistas, uma foi realizada na cidade de Varginha e as outras 6 com artesãos presentes na cidade de São Thomé das Letras. Ressalta-se que apenas 2 entrevistas foram gravadas com o auxílio de um aparelho celular porque tiveram o consentimento dos(as) entrevistados. Já em relação às outras entrevistas, foi permitido apenas que fossem feitas anotações, sendo que uma delas foi realizada de forma conjunta com 4 artesãos, que também deram relatos individuais. Desta forma, como método de análise dos dados será utilizada a análise de conteúdo para discutir os dados coletados à luz do referencial teórico.

Em relação à análise de conteúdo, Silva (2017), diz que tal método de análise pode ser definido como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que se presta a analisar diferentes fontes de conteúdo (verbais ou não-verbais). E, conforme mencionado acima, as entrevistas foram abertas, o que permitiu que os artesãos comentassem livremente sobre a sua história, trazendo detalhes mais ricos sobre os fatos do seu cotidiano de trabalho.

As entrevistas gravadas foram transcritas para que pudesse facilitar a análise dos assuntos comumente recorrentes e para que pudessem ser comparados às demais anotações feitas nas outras entrevistas. De acordo com assuntos recorrentes nas entrevistas, foram escolhidas 3 temáticas comuns entre elas e que serão apresentadas na parte de análise e discussão, sendo:

1. Valorização e preservação da identidade cultural do artesão;
2. Criminalização do trabalho artesanal; e
3. A desvalorização econômica do trabalho artesanal.

No quadro a seguir, serão apresentados os nomes fictícios e a idades dos artesãos para facilitar na análise das entrevistas.

Quadro 1 – Nome e idade dos malucos de BR

Nome fictício	Idade
1. Topázio	25 anos
2. Cristal	20 anos
3. Ametista	25 anos
4. Ágata	23 anos
5. Labradorita	21 anos
6. Jade	24 anos
7. Citrino	24 anos

Fonte: Elaboração própria.

4 – Análise das entrevistas

Em relação à temática valorização e preservação da identidade cultural do artesão, cabe destacar que foi um tema comum em todas as entrevistas e conversas com os artesãos. Segundo os entrevistados, o grupo denominado como malucos de BR é muito amplo e contempla além dos artesãos, outros artistas como músicos, dançarinos, poetas e desenhistas. Todos os entrevistados descrevem esse grupo como uma família e se sentem parte dela.

O que caracteriza essa hegemonia identitária nesse grupo social é forma de vida nômade, o desapego material e a preservação cultural desta identidade entre os malucos. Sobre esta concepção, Cristal e Topázio comentam o seguinte:

A gente é Maluco de BR você conhece? Somos chamados Malucos de BR e quando a gente se encontra (os malucos de BR) é uma família, a gente nem se conhece mas vai se cumprimentando, já vai fumando um baseado e deixando as coisas rolares e todo mundo se ajuda, quando um não tem, outro dá uma sucatinha, aí você desenvolve o trabalho. Na real, o essencial de um maluco é um alicate e o arame, como isso você faz várias coisas e consegue sobreviver.

A gente se trata como uma família, a gente se reconhece como igual, você pode sempre chegar e estender seu pano tranquilo porque a gente tem esse código de respeito. E não é porque eu estou aqui nesse ponto, que se você chegar eu vou ter que sair, não é assim. A praça é pra todo mundo trabalhar, o legal que a gente acaba nivelando informações e trocando alguns conhecimentos que acaba crescendo tanto pra mim tanto pra eles (...).

Outro ponto recorrente, que diz respeito à organização dos malucos de BR enquanto grupo, é a relação de troca que estes executam entre si. Nesse sentido Citrino diz o seguinte:

(...) aí eu fui aprendendo com os malucos mexer com arame (brincos e colares de arame), castroar pedras, cristais, sementes, tudo isso eu sempre consegui ou achando pelos lugares que passei ou trocando com outros loucos, nunca precisei comprar um material se quer, a gente se ajuda muito. É uma irmandade de verdade (...).

A criminalização do trabalho artesanal realizado pelos malucos de BR, é uma temática que aparece com frequência nas entrevistas e merece muita atenção. Esta temática é mencionada pelos malucos de BR no modo como as outras pessoas (sociedade) os (as) tratam, muitas das vezes esses trabalhadores nômades são mal interpretados e confundidos com vagabundos, mendigos e criminosos.

O estilo de vida, as vestimentas e os vícios são pontos que incomodam segundos eles grande parte das pessoas. Muitos malucos já foram impedidos de expor seus trabalhos, além de serem vítimas de violências físicas e verbais.

O trabalho (artesanato) que é exposto pelos malucos de BR artesãos representa toda a identidade cultural deste grupo e passa a ser alvo desta criminalização. Com relação a essa categoria, Ametista explica:

(...) eu sinto que muitas pessoas sentem um certo medo e receio de conversar comigo, de ver meus tramos. Só porque eu estou ali sentada na rua, mas é assim a maioria acha, que só porque eu não estou com uma roupa nova e toda maquiada sou uma mendiga ou uma vagabunda que quer passar eles pra trás. Mal sabem eles, que o que eu queria era simplesmente contar uma história positiva e oferecer um dos meus tramos para alegrar e deixar a vida deles mais bonita (...).

(...) já fui xingada de vagabunda, de verme e já me falaram pra sair da rua porque eu estava poluindo visualmente a cidade. Uma vez até quebraram minha asa (painel de exposição portátil), enquanto eu usava o banheiro de uma rodoviária.

Ainda acerca da temática da criminalização do trabalho artesanal, Topázio traz o seguinte:

(...) tem certas pessoas que ainda olham com preconceito tem até aquela expressão que hippie é vagabundo, mas não é porque eu tô fazendo o que eu gosto de criar, de fazer, que eu não me esforce. Inclusive o que eu possuo são apenas as ferramentas, eu também tenho toda uma responsabilidade, eu preciso me alimentar, eu preciso me manter (...).

Eu não vou dizer que a gente não sofre preconceito, porque sofre. Pra começar pelo fato de ser negro, aí você tá ali hippie, então agrega as duas coisas. Alguns passam e falam olha lá um mendigo e isso que é o mais ruim, porque eu tô tentando trabalhar na correria como todo ser, mas eu não visio um ganho capitalista, eu não quero enriquecer com a arte, eu quero ganhar o suficiente pra viver. Às vezes a sociedade discrimina, é por isso que a gente procura sempre o foco onde tem mais movimento (...).

A última categoria envolve a temática sobre a desvalorização econômica do artesanato executado pelos malucos de estrada. Antes de entrarmos nesta questão é importante lembrar que esses sujeitos marginalizados e criminalizados dependem da venda dos seus artesanatos para sua subsistência, porém não estão interessados em lucrar com a venda destes produtos e sim conseguir o suficiente para se manter na estrada. Muitas das vezes eles trocam suas peças por alimentos ou para manter suas dependências. Cristal comenta sobre como agrega valor ao seu trabalho e como é viver com o básico:

Cara eu não sei colocar preço, porque assim, eu faço com amor e as coisas acontecem. Por exemplo, se eu tô precisando de trinta reais e tenho um colar bonito que eu ache que valha, eu peço trinta reais, e as pessoas nem acham caro, às vezes acham até barato e valoriza. Então, cara, as coisas vêm, se você vai trombar com uma família que tem condição, você vai dar seu preço e a pessoa vai achar que vale, é igual manguieio (troca justa), anéis que eu faço na hora e pergunto quanto a pessoa acha que vale esse meu trabalho e o que eu tô precisando acontece e vem.

A gente vive com pouco, tá ligado? Não que vive com pouco, mas já é o bastante pra gente ser feliz, não precisamos dos exageros da vida como roupas bonitas e gastar dinheiro sem razão, porque, mano, as coisas chegam pra gente, existe muita gente boa. A gente só gasta com cerveja e outros prazeres.

O valor cultural que o artesanato elaborado pelos malucos de BR possui se exterioriza não apenas pela estética ou pelo jeito que foi feito. Ao contar uma história, o maluco agrega esse valor cultural à sua peça. Assim sendo, o artesanato ganha uma história e o artesão consegue além de vender, difundir a cultura em que está imerso. Citrino fala sobre essa relação:

Ah, mano, sempre tem pessoas dispostas a pagar pelo preço que a gente atribuir. O que eu acho que é principal para conseguir sobreviver desta forma, além do desapego material é saber chamar as pessoas, temos que contar histórias que envolvam, que peguem as pessoas. Quando a gente tá assim, em grupo, com vários panos, a gente cobra um preço parecido nos tramos que a gente julga mais comum, como essas pedras castroadas, eu aceito um valor acima de 15 reais por cada uma, mas às vezes eu consigo até por mais, graças ao papo. Eu gosto de misturar assuntos como signos, assuntos atuais, falo até de política, mano. Aí sempre dá certo, mas no fundo a gente sabe que muita gente menospreza o trabalho que a gente faz.

Quando perguntado se o trabalho artesanal dos malucos é valorizado, os entrevistados em sua maioria afirmam que não. Citrino ao conversar sobre isso, sintetiza em sua fala, aspectos como a desvalorização, criminalização e estilo de vida:

Não! Não é valorizado e é muito discriminado, tem muito lugar que a gente passa que não gostam que estende pano e fica ali perto da calçada, tem muita gente que fala que a gente suja as cidades esteticamente. Tem muitos que eu tento chamar pra ver meu pano, são poucos que param, mas isso depende da cidade. Aqui em São Thomé, por exemplo, é muito bom porque sai bastante trampo pela questão do turismo, parece que aqui as pessoas conseguem parar pra admirar nosso trabalho, mas no geral não é assim. Mas mesmo assim com esse pouquinho que eu ganho eu consigo me manter com meus amigos, consigo comprar minha birita, meu fuminho e meu fininho. Eu quero morrer desse jeito mano, viajando sem destino com meu pano e minha criatividade.

Cristal de forma contraditória afirma que o trabalho realizado pelos malucos de BR é valorizado, ela também fala sobre o valor cultural agregado ao artesanato através das histórias contadas:

Cara, todo mundo gosta de um trampo artesanal só que a sociedade é muito hipócrita e não tem tempo pra parar para olhar ou então parar para ver nosso pano no chão, parece que tem preguiça de agachar, de ver, de trocar uma ideia. Mas até que é valorizado, a gente fala que os nossos tramos quando são maiores e mais trabalhados e mais bonitos são eles que escolhem a pessoa, e a pessoa valoriza real, a gente para vende a história. A gente viaja pra isso, pra ter história pra contar.

Dessa forma, percebe-se que, ao mesmo tempo em que a artesã ressalta alguns pontos negativos em relação a como a sociedade vê seu trabalho, ela sente que seu trampo é valorizado.

5 – Considerações finais

O objetivo deste estudo foi falar sobre uma parcela de trabalhadores que é marginalizada socialmente e que têm seu trabalho desvalorizado, os denominados malucos de BR. Neste sentido, buscou-se abordar os temas relacionados à identidade e cultura destes artesãos e também trazer aspectos conceituais sobre o campo do trabalho e em específico sobre o trabalho artesanal.

De acordo com as características apresentadas por Longhi (2014), a respeito dos artesãos, constatou-se na prática que os malucos de BR entrevistados apresentam as características mencionadas pelo autor e cabe frisar o desapego deles (as) em relação aos bens materiais difundidos socialmente, ou seja, eles apenas viajam com o básico para a sua subsistência.

Cabe destacar também a relação entre o valor de uso e valor de troca, apresentado por Marx (2012) no cotidiano e o emprego das mercadorias feitas pelos artesãos. Muitos tramos são confeccionados com objetos que para outras pessoas não possui nenhum valor de uso, como pedras, penas, ossos, dentre outros, porém que possui valor de uso a eles e quando empregado o trabalho, passa a ter valor de uso aos seus clientes e também valor de troca nas suas negociações, mesmo que muitas vezes o valor empregado por eles na troca seja apenas para garantir sua subsistência e outras dependências.

Por fim, cabe ressaltar a importância do trabalho artesanal dos malucos de BR, que usam de seu trabalho para viajar pelo Brasil e deste modo, agregam histórias aos seus tramos, preservam e ao mesmo tempo transformam essa expressão cultural imaterial.

Referências Bibliográficas

BECKER, H. S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BELEZA DA MARGEM. Inventário Cultural “Malucos de Estrada”. Disponível em: <<https://belezadamargem.wordpress.com/inventario-cultural-malucos-de-estrada/>> Acesso em: 01 dez. 2018.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

LONGHI, A. Direito e arte: a marginalização do artesão de rua no Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Direito de Ribeirão Preto, 2014.

MARQUESAN, F. F. S; DE FIGUEIREDO, M. D. De Artesão a Empreendedor: a ressignificação do trabalho artesanal como estratégia para a reprodução de relações desiguais de poder. **Revista de Administração Mackenzie (Mackenzie Management Review)**, v. 15, n. 6, 2014.

MARX, K. O processo de trabalho e o processo de valorização. In: **O Capital**, Ed. Boitempo, São Paulo, 2012.

MINISTÉRIO DA CULTURA. Malucos de estrada querem reconhecimento da sua arte. **Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural**. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xlR9iTn/content/malucos-de-estrada-querem-reconhecimento-da-sua-arte/10883> Acesso em: 01 dez. 2018.

SILVA, A. H; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Dados em Big Data**, v. 1, n. 1, p. 23-42, 2017.